

Memória e religião no conto “Olhos d’água” de Conceição Evaristo

Raquel Turetti Scotton¹

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito analisar o conto “Olhos d’água” da escritora brasileira Conceição Evaristo a partir dos estudos sobre memória individual e memória coletiva, utilizando como aporte teórico os estudos de Maurice Halbwachs (2006), Pierre Nora (1993) e Paul Ricoeur (2007). Conceição Evaristo é uma escritora que se utiliza da escrevivência para compor personagens. Suas trajetórias são semelhantes às aquelas vivenciadas por Evaristo e de tantas mulheres negras que perpassaram pela vida da escritora. No enredo de Evaristo, a narradora-personagem possui uma indagação: “de que cor eram os olhos de minha mãe? ”. Para recuperar esta informação, a personagem apresenta uma série de lembranças envolvendo sua mãe: detalhes de seu físico, as brincadeiras desenvolvidas, seu riso. Ainda que outras lembranças sejam postas, o questionamento acerca da cor dos olhos de sua mãe é incessante à narrativa. A resposta, por sua vez, se revela ao final do enredo, ancorada por elementos afro religiosos resgatados a partir da memória da filha que se apazigua, enfim, ao recordar a cor dos olhos de sua mãe. No conto em questão podemos perceber a importância da constituição da memória para o processo de identidade e, ainda, de que maneira elementos pertencentes à religião estão inseridos neste processo.

PALAVRAS-CHAVE: Olhos d’água, Conceição Evaristo, Memória; Religião.

¹ Doutoranda em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: raquel.turetti@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Primeiramente, há de se destacar que neste trabalho a religião deve ser entendida tal como afirma Rubem Alves: “Suas raízes se encontram nas condições reais do mundo. Por isso ela é a expressão de uma condição real de sofrimento e o protesto contra sofrimento real. Ela é o gemido de uma criatura oprimida”. (ALVES, 1984, p. 48). Neste sentido, a religião aparece, ainda, como uma possibilidade de organizar uma outra forma de existência e seus elementos capazes de constituir formas de resistência.

Criaturas oprimidas, por sua vez, também são aquelas encontradas nas narrativas de Conceição Evaristo. A obra da escritora é marcada pelo que ela chama de “escrevivência”, termo criado a partir das palavras “escrever” e “viver”. Segundo Evaristo (2011), sua escrita está permeada por sua condição de mulher negra, nascida numa comunidade periférica no Brasil. É por meio deste olhar que descreve suas personagens, suas narrativas. Não se trata de um olhar neutro perante o mundo. Mas sim da sensação de engasgo perante o mundo. Representa a possibilidade de quebrar um pacto por séculos firmado.

No conto “Espelho d’água”, pertencente ao livro de contos de mesmo nome, a face da mulher negra, oprimida pelas narrativas históricas vê em Oxum e na força das oferendas aos orixás, a possibilidade de estabelecer o elo com seu passado e uma forma de compreensão acerca do presente. Lançado em 2014, o livro apresenta, especialmente, personagens femininas que, embora de diferentes idades e vivenciando experiências distintas, lutam para manter sua sobrevivência diária: a tentativa de se livrar da miséria, pobreza, da violência física e simbólica e demais males que ainda atingem mulheres negras no Brasil, tal como sugestiona o título do último conto do livro “a gente combinamos de não morrer”.

Esse grupo, por sua vez, é comumente silenciado da história. De acordo com Evaristo, sua obra permite realizar borrões nos enredos oficiais, permitindo que mulheres comumente silenciadas por aqueles que detêm o poder hegemônico possam ter suas trajetórias recontadas. A ficção literária, por sua vez, apresenta-se como um espaço no qual narrativas como “Espelho d’água” seja reconhecida como parte da observação e vivência de Conceição Evaristo. Ademais, é um lugar que permite falar também de uma memória religiosa

cultivada por populações marcadas por situações de diáspora e que, ainda na contemporaneidade, vivenciam os males acometidos pela escravidão.

Como aporte teórico para compreendermos tais dimensões foram utilizados os estudos acerca de memória individual e memória coletiva de Maurice Halbwachs (2006); lugar de memória de Pierre Nora (1993) e, ainda, considerações de Paul Ricoeur (2007) acerca das temáticas supracitadas e, ainda, contribuições de Nilma Lino Gomes e também Reginaldo Prandi como forma de compreender a dimensão da importância afro religiosa como construção de identidade.

2 CONCEIÇÃO EVARISTO

Conceição Evaristo, 72 anos, foi criada em Perdura, periferia de Belo Horizonte. Sua literatura faz parte daquilo que vivenciou na própria família e da convivência com a vizinhança. Presenciou a luta diárias das mulheres negras da periferia. Sua paixão por histórias a fez uma leitora voraz. Após passar em um concurso público na cidade do Rio de Janeiro, ingressou na faculdade de Letras da UFRJ, posteriormente fez mestrado e doutorado em Estudos Literários na PUC-RJ.

Iniciou a produção de contos e poesias na antologia *Cadernos Negros*. Anos seguintes suas narrativas apareceram dividindo espaço com outros autores nas obras *Contos do mar sem fim* e *Contos Afro*. Lançou seu primeiro livro em 2003, o romance intitulado *Ponciá Vivêncio*. Em 2006 lançou seu segundo romance *Becos de Memória*. Seu terceiro lançamento foi o livro de contos *Olhos d'água*, em 2016. Em 2017 lançou, respectivamente: *Insubmissas lágrimas de mulheres* e *Poemas da recordação e outros movimentos*.

Para Evaristo sua literatura se junta a um coro de escritoras negras, tais como Carolina de Jesus e Úrsula Firmino, que têm tardiamente a oportunidade de contar as narrativas por meio de suas perspectivas. Neste sentido, Conceição Evaristo escreve a partir de sua chamada *escrevivência*. Esta, contudo, não deve ser confundida com autobiografia:

Sendo as mulheres invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito mas antes de tudo vivido. A *escre(vivência)* das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a

sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2018, p. 205).

Neste sentido, Carneiro (2003) enfatiza que, por séculos, as mulheres negras foram tratadas ao longo dos séculos como escravizadas no campo e nos locais de urbanização. Ainda após a abolição, a situação se manteve em situação de subalternidade, trabalhando como vendedoras, quituteiras, empregadas doméstica e prostitutas. Sem acesso à escolaridade, desde cedo acompanhavam suas mães às casas das patroas brancas. “Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas, e dos senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação. (CARNEIRO, 2003, p. 6).

Nas páginas de Conceição Evaristo, as mulheres negras ganham protagonismo: Ana Davenga, Maria, DuzuQuerença, Natalina, Cida, entre outras, elas são portadoras de histórias que carregam dor, tristeza, cólera e medo, pompando com o silêncio hegemônico imposto por séculos. Como sugestiona Heloísa Tolles Gomes no prefácio da leitura: seriam várias personagens ou a mesma em diferentes fases da existência? Não é possível afirmar. Apenas que ali está presente a denúncia, as borras da literatura que, por vezes, tratou o lugar da mulher negra aos moldes dos escritores brancos. Ali está também a narradora personagem do primeiro conto “Olhos d’água”, que deseja incessantemente recordar a cor dos olhos de sua mãe.

3 “OLHOS D’ÁGUA”

O conto narra o conflito vivenciado por uma mulher que não se recorda a cor dos olhos de sua mãe. Inicialmente, ao ler as primeiras linhas do conto, pode-se cogitar que trata de uma falta de memória repentina: “Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu da minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quanto da nova casa em que eu estava morando [...]” (EVARISTO, 2016, p. 11). Contudo, imediatamente a narradora-personagem revela que aquela indagação ocorre há meses e conclui: “E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo” (EVARISTO, 2016, p.11).

A partir daí, visitamos as suas memórias e sua busca por resposta. A personagem, cujo nome não é revelado, narra que é primeira das sete filhas e que imediatamente buscou vencer as dificuldades, tendo, dessa forma, uma adolescência curta. A presença de sua mãe ao traçar essas lembranças é uma constante, buscando decifrar sua progenitora em diversos momentos na narrativa: seus silêncios, gestos e prenúncios de alegrias. Ao recordar detalhes

dos hábitos e detalhes do corpo de sua mãe, a angústia é latente: “mas de que cor eram os olhos dela? ”

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. (EVARISTO, 2016, p. 11).

Ao recordar a infância ao lado de sua mãe, o questionamento se mantém: “mas de que cor eram os olhos de minha mãe? ”. Ela relembra ainda o temor de sua mãe nos dias de chuva e o medo que o frágil casebre desabasse. Ao recordar das feições do rosto de sua progenitora, descreve seus olhos, porém não vê a cor, apenas cobertos de lágrimas. “Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia!” (EVARISTO, 2016, p. 12).

Ainda na tentativa de recordar a cor dos olhos de sua mãe, a personagem narra outros fatos: foi a primeira de suas irmãs a sair da cidade natal. Ali, deixara, também, sua mãe e suas tias. Em contrapartida, levou consigo os cantos de louvor aprendidos a partir de sua ancestralidade em África. Ainda assim o questionamento permanecia: “mas de que cor eram os olhos de minha mãe? ”. Decidiu, portanto, retornar ao município em que nasceu. Realizou uma oferenda aos orixás que deveria marcar a descoberta da cor dos olhos daquela mulher.

E quando, após longos dias de viagem parar chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas e correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de mamãe Oxum. (EVARISTO, 2016, p. 13).

Antes de retornar ao seu lar, ela pede proteção a sua mãe Oxum e que suas lágrimas se misturem às delas. Ao redescobrir os olhos de sua mãe, fala do novo desafio: descobrir os olhos de sua filha. Posteriormente, a personagem fala da brincadeira desenvolvida entre ela e sua progênita em que suas faces se

encaram e os olhos de uma se tornam espelho para a outra. Relata que certa vez se surpreendeu, ao fazer o conhecido jogo, sua filha tocou em seu rosto de forma suave, contemplando o rosto de sua mãe e disse em tom baixo: “como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério e de um segredo. Eu escutei, quando, sussurrando, minha filha falou: - Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? ”. (EVARISTO, 2016, p. 13).

4 A MEMÓRIA RELIGIOSA E A NARRATIVA

Conforme já falado, as narrativas de Conceição Evaristo são caracterizadas pela chamada “escrevivência”, nas quais as personagens representam as vozes de mulheres negras, silenciadas por séculos. Neste sentido, podemos inserir a literatura de Conceição na perspectiva trazida por Nora (1993), pertencente aos grupos e etnias que foram vítimas dos abusos coloniais e que, embora tenham sido destituídos como grupos ativos e hegemônicos da história, ainda cultivaram grande bagagem de memória acerca de sua ancestralidade.

Segundo o referido autor, a história formada por meio de grupos afastados do poder hegemônico elabora a existência de outra história, além daquela da escrita realizada pelos historiadores e amparada no repertório das ciências humanas. Há as memórias dos grupos, consideradas míticas pelo autor. Entretanto, uma narrativa não se opõe a outra, embora uma seja propagada ao longo dos tempos, é passível de manipulações, atendendo a interesses dos detentores de poder. A segunda, por sua vez, embora possa se perder pela ausência de registros, narra trajetórias outras, além daquelas traçadas pela história oficial.

Segundo Nora (1993), a memória é sempre atual, rememorada por grupos vivos, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. Conquanto, neste viés, Halbwachs (2006) destaca que o depoimento individual só tem significância ao coletivo se neste há consonância e referência em relação ao grupo do qual faz parte, chamado por Halbwachs (2006) de “comunidade afetiva”.

Para que a nossa memória se aproveite das memórias dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstituída sobre uma base comum. [...] É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma

lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.
(HALBWACHS, 2006, p. 39).

Halbwachs (2006) acrescenta que a infância constitui um espaço de grande significância neste campo, pois é a partir do grupo primeiro no qual as lembranças primárias são formadas. Ricoeur (2007), ao analisar a obra do autor supracitado, concorda, afirmando que a infância gera lugares socialmente marcados, tais como a casa, o jardim, o porão, sendo a partir do âmbito familiar que a imagem se desloca e, ainda, é mantida pelo sujeito. Assim, o âmbito social se mostra além de objetivo, também de dimensão inerente ao indivíduo. “Nesse aspecto, as lembranças de adulto não diferem das lembranças de infância. Elas nos fazem viajar de grupo em grupo, de âmbito em âmbito, tanto espaciais como temporais. [...] recolocar-se nos meios em que vivemos”. (RICOEUR, 2007, p. 132).

No conto analisado, as lembranças de infância da personagem são constantes: os aspectos físicos da casa, de sua mãe, as brincadeiras vivenciadas. Até mesmo a ausência do cheiro da comida sendo preparada e acompanhada das narrativas criadas pela mãe para que a fome fosse vencida, perpassando pelas cantigas entoadas nas quais a ancestralidade é revivida e a devoção dos orixás mantidas. Tais lembranças ultrapassam o testemunho individual, sendo parte do coletivo, reconhecidas e compartilhadas por um mesmo grupo da qual a personagem faz parte e cujo discurso literário de Evaristo busca dar voz a partir da auto-representação e fornecer testemunhos, transpostos por meio da escrevivência.

A dimensão religiosa é, por sua vez, utilizada como aspecto fundamental para que a personagem encontre o caminho de solução para seu conflito. De acordo com Gomes (2002) e Prandi (2001) a reconstituição mais bem-acabada da população negra preservada até os dias de hoje são as religiões afro-brasileiras, especialmente o candomblé. Por meio delas conservou-se aspectos hoje possíveis para se falar de identidade negra não só aos negros e negras pertencentes às religiões de matriz afro, mas valores que podem ser perpassados de gerações a gerações, tal como o resgate mítico africano.

Tais aspectos são notórios no conto de Conceição Evaristo, visto que a personagem, ao buscar resposta ao grande questionamento que permeia à narrativa, recorre a oferenda aos orixás e, posteriormente, rememora que os olhos de sua mãe eram encobertos por água, tal como os olhos de Oxum, a orixá das águas doces. No conto, Oxum se torna a expressão da experiência da personagem. Ela simboliza o elo entre sua mãe; a continuidade da ancestralidade por meio de sua filha, que reconhece na mãe os olhos molhados, tal como a personagem principal reconhecia as águas de Oxum em sua progenitora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto de Conceição Evaristo, *Olhos d'água*, além de inserir a trajetória de personagens negras por meio da perspectiva da escrevivência, representa, ainda, a possibilidade de abordar a memória religiosa cultivada pelos povos negros brasileiros. A literatura, por sua vez, fornece um espaço que, além de inserir autores e autoras que trazem perspectivas outras às narrativas, também fornece espaço para um olhar outro acerca da religião. Por meio da narrativa analisada, é possível afirmar que os símbolos religiosos significam expressões fundamentais da realidade cotidiana, representando o elo da manutenção da ancestralidade e continuidade da religião: “ela (a religião sic.) se anuncia numa consciência de ausência, na saudade de um bem-amado que nos deixou ou que ainda não veio” (ALVES, 1984, p. 82). O símbolo se transforma em esperança, não como a consciência de algo, como informa Alves (1984), mas como um grande vazio no qual a nostalgia é recebida e, ainda, a possibilidade de sonhar de olhos abertos, ainda que não se tenha condições de ver aquilo que realmente deseja ou, ainda, impossibilitados de ver a cor dos olhos inundados pela correnteza de Oxum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Campinas. Papyrus, 17^a ed. 1984.
- BISPO, E. F.; LOPES, S. A. T. Escrevivência: perspectiva feminina e afrodescendente na poética de Conceição Evaristo. **Revista Língua e Literatura**. v. 35, n. 20. 2018.
- CARNEIRO, Sueli. “Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”. **Latitudes Latinas**. Brasília. 2003.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro. Pallas, 2016.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. **Aletria**. Belo Horizonte. v. 9. 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Centauro. 2^a ed. 2006.
- PRANDI, Reginaldo. De Africano a Afro-brasileiro: Etnia, Identidade e Religião. **Revista USP**. São Paulo. n. 45, 2001.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: problemáticas de lugares. **Proj. História**. São Paulo, 1993.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas. Unicamp. 2007.